

FILOSOFIA NO CIBERESPAÇO: CONECTANDO A CULTURA DIGITAL E JUVENIL NO ENSINO CONTEMPORÂNEO.

Luana Oliveira de Carvalho¹
Ivonilda Ferreira de Andrade²
Kelly Rahna Barbosa³

RESUMO

A presença marcante das tecnologias digitais na vida dos(as) jovens impõe à escola pública novos desafios pedagógicos. No ambiente do ciberespaço, jovens estudantes constroem suas identidades, interagem com múltiplas culturas e ressignificam saberes de modo contínuo. Neste contexto, as disciplinas escolares precisam se reinventar. Este trabalho tem por objetivo discutir como o Ensino da Filosofia, em diálogo com a Biologia e a Psicologia, pode contribuir para compreender e potencializar a formação crítica e sensível da juventude conectada, a partir de um olhar sobre a cultura digital. Partimos do entendimento de que o ciberespaço ultrapassa a função de ferramenta comunicacional, configurando-se como um ecossistema simbólico onde interações, afetos e discursos moldam comportamentos e subjetividades. O estudo fundamenta-se teoricamente, dentre outros, nas contribuições de Manuel Castells, Pierre Lévy e Humberto Maturana. A metodologia adotada é a análise documental, com abordagem qualitativa e objetivo exploratório, com ênfase em textos curriculares, diretrizes educacionais e literatura científica que tratam da juventude e cultura digital. Os resultados apontam para a necessidade de ampliar o Ensino de Filosofia como um espaço de diálogo com saberes de outras áreas, a exemplo da Biologia e da Psicologia, favorecendo uma compreensão mais integrada do comportamento juvenil nas redes. Observou-se que os estudantes não apenas reproduzem conteúdos digitais, como também reelaboram sentidos, afetos e formas de pertencimento, desafiando os modelos tradicionais de ensino. Concluímos que a escola pública pode e deve se posicionar como espaço de mediação crítica entre o mundo digital e a formação de sujeitos conscientes e autônomos.

Palavras-chave: Ciberespaço, Cultura digital, Juventude, Ciências Humanas e Biológicas.

INTRODUÇÃO

Durante o seu processo de desenvolvimento, o(a) adolescente vivencia experiências que estão ligadas às questões sociais e aspectos da afetividade, seus interesses são diversos e mutáveis e estão associados diretamente às relações estabelecidas nos meios de convivência e no cenário apresentado pela sociedade atual.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2018), o desenvolvimento sendo um processo contínuo e ininterrupto em que aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais

¹ Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), luana7oliveira16@gmail.com;

² Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), andradeivonilda3@gmail.com;

³ Mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), rahna.bio@gmail.com;



A pesquisa foi delineada com abordagem qualitativa, de finalidade aplicada e objetivo exploratório, tendo como procedimento a pesquisa documental. Além da análise de documentos oficiais que orientam o Ensino de Filosofia, como a BNCC, foram



estudados materiais produzidos pelos(as) estudantes (charges e textos autorais elaborados no contexto da sequência didática interdisciplinar).

Os resultados evidenciam que os(as) estudantes, ao interagirem no ciberespaço, não apenas reproduzem conteúdos digitais, mas reelaboram sentidos, afetos e formas de pertencimento, muitas vezes projetando uma autoimagem idealizada, que pode reforçar distanciamentos da realidade vivida. Nesse sentido, a Filosofia assume papel central ao possibilitar que os(as) estudantes questionem e reflitam sobre sua autoimagem e sobre as relações que estabelecem entre o “eu idealizado” do digital e o mundo real.

Tais achados indicam a necessidade de ampliar o Ensino de Filosofia como espaço de diálogo com diversas áreas, a exemplo do que é exposto neste trabalho, que apresenta as possíveis interlocuções com a Biologia e a Psicologia, favorecendo a compreensão crítica dos impactos do universo digital sobre questões identitárias e sobre as relações sociais.

Pode-se inferir, portanto, que a escola pública é potente enquanto espaço de mediação crítica entre a cultura digital e a formação de sujeitos conscientes e autônomos, capazes de relacionar-se com o mundo virtual sem perder de vista sua realidade social, comunitária e afetiva.

METODOLOGIA

Com sua ênfase na interpretação e compreensão dos fenômenos em seus contextos naturais, a pesquisa qualitativa é particularmente adequada para tratar temas que demandam uma investigação mais subjetiva e contextualizada. Concentra na compreensão aprofundada e na interpretação das características sociais, culturais ou humanas. Busca explorar a complexidade e a riqueza das experiências, significados e contextos envolvidos em um determinado interesse.

Pesquisas de abordagem qualitativa visam compreender o mundo, torná-lo visível, por meio de práticas materiais e interpretativas, permitindo, assim, a descrição e a explicação dos fenômenos sociais em seus contextos naturais (FLICK, 2009; DENZIN e LINCOLN apud CRESWEL, 2014).

A realização sistemática da pesquisa é de natureza aplicada, voltada para solucionar algum problema concreto, assim como intervir no mundo real produzindo novo conhecimento para ser aplicado na prática. Segundo Margarida de Andrade (2017), a pesquisa aplicada é motivada por razões de ordem prática:



O corpus da pesquisa resultou em um volume significativo de produções estudantis. Contudo, para atender aos objetivos específicos deste artigo, optou-se por um recorte analítico, no qual foram selecionadas três imagens (charges) e três respostas textuais que melhor expressaram as categorias discutidas. A análise dos dados foi conduzida a partir da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), contemplando suas três fases: (i) pré-análise, com a organização e seleção do material; (ii) exploração do material, com a categorização dos elementos textuais e imagéticos; e (iii) tratamento



No que tange aos aspectos éticos, a pesquisa respeitou as diretrizes nacionais aplicáveis às Ciências Humanas, preservando a identidade dos(as) participantes e garantindo a confidencialidade das informações. Quanto ao direito de uso de imagens, destaca-se que os materiais analisados foram produzidos no contexto escolar e utilizados apenas para fins acadêmicos, com seleção restrita e sem qualquer exposição que pudesse comprometer a privacidade dos(as) estudantes.

A metodologia adotada possibilitou compreender de maneira crítica e sistematizada a forma como os jovens, no ambiente escolar, reelaboram sentidos e constroem pertencimentos no ciberespaço, permitindo analisar o Ensino da Filosofia, permeado por conteúdos afins, como espaço de diálogo e mediação com a cultura digital.

A consolidação do ciberespaço como um ecossistema simbólico de convivência, produção de subjetividades e circulação de saberes redefine a maneira como os(as) jovens interagem com o mundo e constroem sua identidade. Esta transformação impõe à escola pública — especialmente ao Ensino de Filosofia — o desafio de compreender e se integrar à cultura digital, assumindo um papel ativo na mediação crítica entre o universo digital e a formação ética, reflexiva e autônoma dos estudantes.

Pierre Lévy (1999), em sua obra seminal *Cibercultura*, aponta que o ambiente digital cria novas formas de produção de conhecimento coletivo, estruturadas por redes de interação que superam os modelos centralizados de transmissão de saber. A cibercultura, conforme o autor, se caracteriza por práticas colaborativas, descentralização e um processo contínuo de atualização do saber, o que ressignifica o papel do sujeito no processo de aprendizagem. No contexto educacional, isso exige um deslocamento: o(a) estudante deixa de ser receptor(a) passivo(a) de informações para tornar-se um(a) agente que aprende em rede, de maneira ativa e relacional.

Entretanto, compreender a cultura digital exige atenção às suas tensões e nuances. Embora dialogue com a cultura juvenil em diversos aspectos — como a busca por identidade, experimentação e pertencimento —, não se confunde com ela. Segundo André Lemos (2023), a cultura juvenil se manifesta como território de transformação e resistência, onde os(as) jovens reconfiguram valores e normas sociais na construção de



A esse respeito, a contribuição de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), com a *Biologia do Conhecer*, é decisiva. Os autores compreendem os seres vivos como sistemas autopoieticos, isto é, capazes de se autoconstruírem a partir das interações com o ambiente. Aplicado ao contexto educacional e digital, isso significa que o(a) estudante, ao interagir com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), não



Por fim, é fundamental reconhecer que o grande desafio pedagógico contemporâneo não está apenas em integrar a tecnologia à sala de aula, mas em formar sujeitos capazes de compreender criticamente a cultura digital e sua influência sobre si mesmos(as) e sobre a sociedade. O objetivo não é “desconectar” a juventude, mas conectar, de forma mais consciente e crítica, os múltiplos mundos em que ela transita.

Entre os principais achados, destaca-se a presença recorrente de temas como autoimagem, aprovação social e identidade virtual, os quais apareceram tanto nas ilustrações quanto nas narrativas textuais. As produções evidenciaram o quanto a busca por validação, por meio de curtidas, visualizações e comentários, ocupa um lugar central



na experiência subjetiva dos(as) jovens conectados(as). Essa necessidade de reconhecimento no ambiente digital repercute diretamente na construção da autoimagem e no modo como se relacionam com o mundo real.

A esse respeito, Teles et al. (2021) apontam que o uso prolongado das redes digitais intensifica a construção de “personas virtuais”, nas quais o adolescente pode “ser quem quiser”, muitas vezes sustentando aparências idealizadas para se adequar às expectativas de um público invisível, mas julgador. Isso é evidenciado em uma das charges analisadas, na qual aparece a imagem de um jovem diante do espelho e que visualiza a si mesmo com um corpo musculoso, idealizado, já que o seu tipo físico não corresponde à expectativa da imagem produzida.

Tal prática, embora empoderadora em alguns aspectos, pode se tornar fonte de sofrimento psíquico quando a performance da “vida perfeita” não se sustenta. Essa tensão foi tematizada por estudantes em expressões como: “*a vida nas redes é só recorte*” ou “*ninguém mostra o que sente, só o que quer parecer*”, sinalizando um senso crítico em formação.

A teoria psicanalítica discutida por Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), apresentam uma discussão referenciada em Freud e Lacan, para discutir o fenômeno da exibição dos adolescentes nas redes sociais, interrogando sobre o enfraquecimento do Outro parental e os impasses que envolvem os avanços da virtualidade contemporaneamente. Para isso, trazem o debate sobre narcisismo na adolescência, “apresentando o ‘dar-se a ver’ e a ‘exibição’ como mecanismos distintos em relação ao olhar do Outro da cultura” (p. 92). Problematizam o ato de visualizar uma vez que este, como concluem, “é uma operação dominante no ato de exibição, levando os jovens à repetição e não à estabilização no campo do Outro” (p. 91). Esse aspecto traz a expectativa do retorno do outro, da sua avaliação.

O que se observa, portanto, é que as redes sociais deixaram de ser apenas ferramentas de interação e passaram a funcionar como espelhos simbólicos que influenciam o processo de identificação e autoconhecimento, demandando uma abordagem que vá além do conteúdo formal, propondo discussões que acolham essas vivências digitais e as problematizem de forma crítica. Ao se abrir ao diálogo com a Psicologia e a Biologia, como fez a sequência didática analisada, a Filosofia assume um papel potente como mediadora entre o mundo virtual e o real, entre o eu idealizado e o eu vivido.



Em uma das charges, um(a) estudante construiu um diálogo no qual o personagem adolescente evita conversar com o pai, demonstrando irritação diante do chamado de atenção pelo tempo de uso da internet, pedindo para “não encher”. Esse dado encontra respaldo em Bauman (2004), ao descrever a troca entre a proximidade não-virtual e a virtual como um sintoma da modernidade líquida, onde os laços humanos se tornam mais frágeis, efêmeros e mediados por telas.

As relações interpessoais familiares, escolares e comunitárias, têm sido afetadas por essa lógica da hipervisibilidade e do consumo da imagem. As interações digitais, embora facilitadoras de conexões, também geram isolamento afetivo, especialmente quando substituem o contato humano direto. Essa inversão, como já advertiu Bauman (2004), pode comprometer o desenvolvimento das habilidades relacionais e afetivas, tão necessárias na adolescência.

Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não-virtual, exige. Elas caem em desuso [...] (Bauman, 2004, p. 39-40)

Por fim, os resultados reforçam a urgência de revisar os modelos pedagógicos tradicionais. Os(as) estudantes de hoje já vivem em um mundo marcado por fluxos de informação, imagens e afetos. Não se trata de negar esse mundo, mas de construir pontes entre ele e a realidade concreta, ajudando os(as) jovens a desenvolverem criticidade, autorreflexão e consciência ética. O ciberespaço, como demonstrado, pode ser tanto um



lugar de adoecimento quanto de criação e expansão do ser. Cabe à escola ajudar a fazer essa escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a escola pública pode e deve assumir um papel estratégico como espaço de mediação crítica entre o universo digital e a formação de sujeitos conscientes, reflexivos e autônomos. Diante da centralidade do ciberespaço na vida dos(as) adolescentes, não é mais possível manter o ensino desconectado da realidade vivida por esses(as) jovens, cuja construção identitária se dá, em grande parte, em ambientes virtuais.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que os(as) estudantes não apenas consomem conteúdos digitais, mas reelaboram sentidos, afetos e formas de pertencimento nesse ambiente. No entanto, também revelaram sinais de sofrimento psíquico, dependência emocional e conflito com a realidade, especialmente quando a autoimagem idealizada nas redes sociais não corresponde à experiência concreta do cotidiano.

Isso indica que o modo de vida social contemporâneo, fortemente marcado pela lógica da exposição, da velocidade e da busca por validação, aprofunda conflitos característicos da adolescência, como insegurança, baixa autoestima e solidão. Nesse cenário, a cultura digital não deve ser compreendida apenas como ameaça, mas como campo de disputa simbólica e pedagógica, onde valores, comportamentos e subjetividades estão em constante negociação.

O Ensino de Filosofia, articulado com a Psicologia e a Biologia, mostrou-se eficaz ao provocar nos(as) estudantes reflexões sobre o “eu idealizado”, a influência do olhar do outro e os limites entre o real e o virtual. Tal abordagem permitiu ampliar a compreensão do comportamento juvenil, promovendo diálogos interdisciplinares que fortalecem a criticidade e a empatia.

Entende-se, portanto, que a escola precisa se reconhecer como lugar legítimo para discutir os impactos da cultura digital na vida dos(as) adolescentes, indo além da lógica normativa e disciplinadora. É necessário construir espaços de escuta, de reflexão ética e de criação coletiva, em que os(as) estudantes possam ressignificar suas experiências digitais à luz de seus contextos sociais, afetivos e culturais.

A mediação crítica não é um ato de controle, mas de cuidado. Cuidar do adolescente conectado é ajudar a construir pontes entre o eu real e o eu virtual, entre o



desejo de pertencimento e a construção de vínculos verdadeiros, entre a cultura da aparência e a busca por sentido. E é nesse processo que a escola pública reafirma seu papel político e formador, tornando-se não apenas transmissora de conteúdos, mas formadora de humanidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Margarida Maria de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. **A adolescência como ideal social.** In: Simpósio Internacional do Adolescente, 2., 2005, São Paulo. [online] Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SC0000000082005000200008&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 29 Mar. 2025.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Z.. **Amor Líquido:** sobre as fragilidades dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. . **Psicologias:** Uma introdução ao estudo da psicologia. 15. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

CRESWELL, John W. **Research design:** qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. 4th ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The Sage handbook of qualitative research.** 4th ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. C. de C.; PEDROSA FILHO, R. B. de A.; TEIXEIRA, L, C. Nem ver, nem olhar: Visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica.** Rio de Janeiro, v. XXIV, n. 1, janeiro/abril 2021, 91-99.

LE MOS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 9. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2023.

MATURANA, H., VARELA, F. **A árvore do conhecimento.** São Paulo: Palas Athena, 1995.



